

ENVIO DE AMOSTRAS PARA DIAGNÓSTICO DE RAIVA E SOROLOGIA

INSTRUÇÕES PARA ENVIO DE AMOSTRAS PARA DIAGNÓSTICO DE RAIVA E SOROLOGIA

IJV

**SUBVISA / CVZ - CL – RIO DE JANEIRO
SEÇÃO DE VIROLOGIA**

**Elaborado por Equipe Técnica do Laboratório de Virologia
Maio/2016**

ENVIO DE AMOSTRAS PARA DIAGNÓSTICO DE RAIVA E SOROLOGIA

SUMÁRIO

- 1 Escopo
- 2 Referências Normativas
- 3 Definições
- 4 Siglas/Abreviaturas
- 5 Procedimento
- 6 Biossegurança
 - ANEXO I – Ficha de Remessa de Material
 - ANEXO II – Ficha de Colheita de Soro para Titulação de Anticorpos Contra Raiva
 - ANEXO III – Acondicionamento de Amostras e Transporte
 - ANEXO IV – Cuidados no Manuseio de Morcegos

1. ESCOPO

1.1 Objetivo

Estabelecer instruções para envio de amostras destinadas ao diagnóstico de raiva.

1.2 Campo de aplicação

Aplica-se as amostras encaminhadas ao Laboratório de Zoonoses para diagnóstico de raiva.

2. REFERÊNCIAS NORMATIVAS

- ABNT NBR ISO/IEC 17025:2005 – Requisitos gerais para competência de laboratórios de ensaios e calibração.

3. DEFINIÇÕES

3.1 Antropozoonose

Doença primária de animais e que pode ser transmitida aos humanos.

3.2 Diagnóstico laboratorial

Composto por dois ensaios: Imunofluorescência Direta (IFD) e Prova Biológica (PB), que consiste no isolamento do vírus rábico no camundongo.

3.3 Raiva

Antropozoonose transmitida ao homem pela inoculação do vírus da raiva, contido na saliva de animais infectados, por meio de mordeduras, arranhaduras ou lambeduras.

3.4 Sorologia ou avaliação sorológica dos anticorpos antirrábicos

Exame realizado que permite o acompanhamento da proteção conferida pela vacina em indivíduos expostos ao vírus da raiva acidentalmente (pós-exposição) ou por razões de trabalho (pré-exposição), evitando riscos da ocorrência de novos casos da enfermidade.

ENVIO DE AMOSTRAS PARA DIAGNÓSTICO DE RAIVA E SOROLOGIA

4. SIGLAS/ABREVIATURAS

- CL** – Coordenação de Laboratórios
CVZ – Coordenação de Vigilância em Zoonoses
IFD – Imunofluorescência Direta
IJV – Instituto Jorge Vaitsman
PB – Prova Biológica

5. PROCEDIMENTO

5.1 Material

- Instrumentos adequados à colheita da amostra (pinças, tesouras, arco de serra, bisturis, etc.);
- Saco plástico reforçado ou frasco plástico de boca larga vedado hermeticamente;
- Caixa de isopor;
- Gelo reciclável.

5.2 Amostra e coleta

5.2.1 Material de Necropsia

Deve ser enviado o encéfalo inteiro ou fragmentos do tecido cerebral de córtex, cerebelo, hipocampo, tronco encefálico e medula espinhal (de ambos os hemisférios), ou, na impossibilidade total da coleta, a cabeça do animal suspeito ou ainda o cadáver. Pequenos animais silvestres como morcegos, gambás, saguis e outros, devem ser encaminhados inteiros, de forma a permitir a identificação da espécie.

NOTA 1: O técnico responsável pela coleta da amostra deve estar imunizado, com titulação sorológica em dia (com título soro protetor) e sempre usar os equipamentos de proteção individual (EPI) tais como: luvas, jaleco, máscara, protetor facial e instrumentos adequados à colheita da amostra (pinças, tesouras, arco de serra, bisturis etc...).

5.2.2 Soro Humano

Devem ser enviadas as amostras de soro acondicionadas em tubos eppendorf de 2 mL ou similar.

5.3 Identificação da amostra

5.3.1 Material de Necropsia

Cada amostra encaminhada deverá ser acompanhada de Ficha de Remessa de Material para Diagnóstico de Raiva (**ANEXO I**), devidamente preenchida com letra legível para que não ocorram erros de registros e os laudos cheguem corretamente aos requisitantes. Recomenda-se que esta ficha não seja colocada dentro da caixa de transporte, juntamente com a amostra, para que não haja risco de contaminação, tão pouco que a ficha se estrague, inviabilizando o cadastro.

5.3.2 Soro Humano

Cada amostra encaminhada deverá ser acompanhada de Ficha de Colheita de Soro para Titulação de Anticorpos Contra a Raiva (**ANEXO II**), devidamente preenchida com letra legível para que não ocorram erros de registros e os laudos cheguem corretamente aos requisitantes.

ENVIO DE AMOSTRAS PARA DIAGNÓSTICO DE RAIVA E SOROLOGIA

NOTA 2: Recomenda-se que esta ficha não seja colocada dentro da caixa de transporte, juntamente com a amostra, para que não haja risco de contaminação, tão pouco que a ficha se estrague, inviabilizando o cadastro.

5.4 Conservação da amostra

5.4.1 Material de Necropsia

Se a previsão de envio do material ao laboratório for de até 24 horas deverá ser encaminhada em condições de refrigeração (2°C a 8°C). Nos casos em que a previsão de envio for superior a 24 horas a amostra deverá ser congelada até o momento do envio.

5.4.2 Soro Humano

O soro deve ser acondicionado sob refrigeração (2°C a 8°C) por até 5 dias. Em períodos mais longos, a amostra deve ser congelada (-20°C).

NOTA 3: No entanto recomenda-se que o envio seja feito no menor tempo possível, a fim de agilizar a obtenção do diagnóstico.

5.5 Acondicionamento e transporte da amostra

5.5.1 Material de Necropsia

O material de biópsia para diagnóstico deve ser acondicionado em saco plástico reforçado, ou frasco de boca larga, vedado hermeticamente, identificado de forma clara e legível (**ANEXO III**). Não devem ser utilizados frascos de vidro, devido aos riscos de acidentes.

5.5.2 Soro Humano

Os tubos com soro já corretamente identificados devem ser colocados em suporte para tubos eppendorf.

NOTA 4: A amostra, corretamente embalada e identificada, deve ser colocada em caixa de isopor, com gelo reciclável (tipo gelox), suficiente para que chegue bem conservada ao seu destino. A caixa de isopor deve ser identificada com os dados completos do órgão requisitante e do laboratório de destino e, deverá ser bem fechada, evitando vazamentos que possam contaminar o ambiente ou infectar quem a transporte.

5.6 Considerações relevantes

- Encaminhar os animais (cão/gato) que tenham agredido algum indivíduo e que forem a óbito em menos de 10 dias após o episódio;
- Animais (cão e gato) que tenham morrido com sintomatologia nervosa, com quadro evoluído há 10 dias;
- Morcego vivo ou morto (**ANEXO IV**).

6. BIOSSEGURANÇA

Deve-se fazer uso dos EPIs: luvas de látex, luvas de raspas de couro, máscara, óculos de proteção, jaleco descartável.

ENVIO DE AMOSTRAS PARA DIAGNÓSTICO DE RAIVA E SOROLOGIA

ANEXO I - Ficha de Remessa de Material para Diagnóstico de Raiva



PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE
SUBSECRETARIA DE VIGILÂNCIA, FISCALIZAÇÃO SANITÁRIA E CONTROLE DE ZOOSE
COORDENAÇÃO DE VIGILÂNCIA EM ZOOSE
INSTITUTO MUNICIPAL DE MEDICINA VETERINÁRIA JORGE VAITSMAN

FICHA DE REMESSA DE MATERIAL PARA DIAGNOSTICO DE RAIVA

(Preencher com letra de forma)

REGISTRO Nº
(Uso do Laboratório)

CADÁVER / CABEÇA / CEREBRO / OUTRO <small>(Sublinhe ou envolva a descrição correta)</small>	Data da remessa	Data da recepção
--	-----------------	------------------

(Quando o animal for de rua ou silvestre, informar isso no campo proprietário e colocar o endereço de onde foi encontrado).

Proprietário			
Endereço			
Bairro	Cidade	Estado	Telefones
Solicitante			
Instituição			
Endereço			Telefone
Assinatura			

Dados do animal

Espécie	Raça	Sexo
Pelagem / cor	Porte	Idade
Nome	Tomou vacina anti-rábica? (sublinhe) sim - não - não sabe	Quando?
Relate aqui os sintomas e comportamentos que o animal apresentou antes de morrer		
Foi sacrificado? (sublinhe) Sim - Não	Data da morte	Animal agressor (sublinhe ou envolva) Sim (humanos) - Sim (animais) - Não

Informações sobre as vítimas humanas

Nome	Endereço e/ou telefone
Nome	Endereço e/ou telefone
Assinatura do funcionário que recebe animal / material	

(Complementar informações no verso da folha, por exemplo, se as vítimas foram atendidas em unidade de saúde e onde foram)

ENVIO DE AMOSTRAS PARA DIAGNÓSTICO DE RAIVA E SOROLOGIA

ANEXO II – Ficha de Colheita de Soro para Titulação de Anticorpos Contra Raiva



PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE
SUBSECRETARIA DE VIGILANCIA, FISCALIZAÇÃO SANITÁRIA E CONTROLE DE ZOOSE
COORDENAÇÃO DE VIGILÂNCIA EM ZOOSE
INSITUTO MUNICIPAL DE MEDICINA VETERINARIA JORGE VAITSMAN

FICHA DE COLHEITA DE SORO PARA TITULAÇÃO DE ANTICORPOS CONTRA RAIVA

PARA PREENCHIMENTO			PARA USO EXCLUSIVO DO LABORATORIO		
DATA DA COLHEITA	REGISTRO NA ORIGEM		DATA ENTRADA	NUMERO DO EXAME	

IDENTIFICAÇÃO DO PACIENTE

NOME					
SEXO	M	F	IDADE	DDD	TELEFONE
ENDEREÇO					
BAIRRO			CIDADE	UF	

DADOS DO SOLICITANTE

UNIDADE	RA				
NOME					
MATRICULA			DDD	TELEFONE	

DATA DA EXPOSIÇÃO	TIPO DE FERIMENTO	ESPECIE AGRESSORA	LOCAL DO FERIMENTO
	UNICO	CAO	CABEÇA/PESCOÇO
TIPO DE EXPOSIÇÃO	MULTIPLO	GATO	TRONCO
ARRANHADURA		MORCEGO	MEMBRO SUP.
MORDEDURA	SUPERFICIAL	BOVINO	MEMBRO INF.
LAMBEDURA	PROFUNDO	EQUINO	MAO
PRE-EXPOSIÇÃO	DILACERANTE	OUTRA	POLPA DIGITAL
OUTRO/QUAL?		QUAL?	MUCOSA

TRATAMENTOS ANTERIORES

SIM		NAO		IGNORADO	
-----	--	-----	--	----------	--

DATAS APROXIMADAS				
NUMERO DE DOSES APLICADAS				
SORO HIPERIMUNE				
DOSE APLICADA				

TRATAMENTO PROFILATICO PRESCITO

DOSES	1	2	3	4	5
DATA					

SORO HIPERIMUNE	ASSINATURA E CARIMBO
DOSE	
DATA	

ENVIO DE AMOSTRAS PARA DIAGNÓSTICO DE RAIVA E SOROLOGIA

ANEXO III - Acondicionamento de amostra e transporte



Saco plástico resistente



Frasco plástico de boca larga



Gelo reciclável



Gelo reciclável acondicionado em caixa térmica/isopor



Caixa de isopor



Tubo Eppendorf



Suporte para transporte de tubos eppendorf

ENVIO DE AMOSTRAS PARA DIAGNÓSTICO DE RAIVA E SOROLOGIA

ANEXO IV - Cuidados no manuseio de morcegos

Deve-se ter o cuidado para não estar de mãos nuas. Use luvas de couro para se proteger, pois o mesmo pode estar caído no chão ainda vivo.



Caso não tenha uma luva de raspa de couro para manipular o morcego, use uma caixa de papelão, um frasco de boca larga ou um utilizando algum objeto que possa jogar o animal para dentro do recipiente. Ainda que o morcego esteja vivo pode-se ainda utilizar um pano.

